



Narrativas de uma nação: representações da identidade palestina em Joe Sacco

Narratives of a nation: representations of palestinian identity in Joe Sacco

Vinícius Pedreira Barbosa da Silva¹

RESUMO Ao partir de uma abordagem narratológica, este artigo propõe discutir a narrativa da nação e seus elementos de identidade – no nosso caso, palestina –, representados na obra do jornalista em quadrinhos Joe Sacco. Dessa forma, buscamos entender como a narração dos palestinos sobre si mesmos, por meio de relatos, testemunhos e memórias – coletadas e até vivenciadas pelo autor em viagens aos territórios ocupados – são construídas nos seus quadrinhos jornalísticos. **PALAVRAS-CHAVE** Narrativa; Nação; Jornalismo; Quadrinhos; Palestina.

ABSTRACT Through a narratological approach, this essay aims to discuss the narrative of nation and its identity elements – in our case, palestinian –, represented in Joe Sacco's comics journalism. Thus, we seek to understand how the palestinian narration about themselves, by stories, eyewitnessing and memory – collected and even experienced by the author in his travels to the occupied territories – are constructed in his journalistic comics. **KEYWORDS** Narrative; Nation; Journalism; Comics; Palestine.

¹Vinícius Pedreira Barbosa da Silva é mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: pedreirabarbosa.vinicius@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir de que forma o jornalismo em quadrinhos de Joe Sacco – maltês naturalizado norte-americano – pode ajudar a entender características de identidade palestina, em especial dos refugiados nos territórios ocupados. Para tanto, utilizaremos a ideia trazida por Homi K. Bhabha (1990) de que as nações podem ser entendidas como narrativas, isto é, a narração delas é fruto de tradições políticas e históricas traduzidas por meio de um sistema simbólico da linguagem, tendo seu sentido complementado apenas nos horizontes dos “olhos da mente”. Em outras palavras, os significados culturais de identificação com uma nação são compartilhados por meio da linguagem (compreendida no seu sentido mais amplo e inclusivo), o que ajuda na compreensão das práticas sociais e valores (inclusive ideias e emoções). Por meio dela, assim, podemos usar signos e símbolos – quaisquer que sejam, isto é, visuais, textuais, sonoros, objetos, entre outros – para representar conceitos e sentimentos em uma cultura de determinada sociedade.

De outra forma, é possível falarmos que duas pessoas ou mais se dizem pertencentes ao mesmo grupo cultural quando elas interpretam o mundo de maneiras similares, mas não necessariamente iguais. Nesse sentido, utilizaremos tanto a expressão identidade palestina como o termo palestinidade, no intuito de ajudarem a refletir, a partir da heterogeneidade e diversidade de elementos culturais e pessoais, o sentido do compartilhamento da experiência em ser palestino(a), dentro de uma perspectiva histórica e de várias geografias – devido a dispersão da população entre os territórios ocupados, campos de refugiados ou em diversos países pelo mundo. Identidades não constituem algo imutável ou que apresentem alguma essência, como pode-se tentar supor. Isso porque é em determinado contexto de uso, sobre aquilo que dizemos, narramos e pensamos no dia a dia – representamos – que damos significação àquilo que nos identificamos. Assim, apresentamos quem somos e a maneira como construímos nossas autonarrações, de forma a testarmos a realidade, instituindo identidades, organizações e sociedades. Com isso, as narrativas “forjam indivíduos e nações. Isso não ocorre de maneira natural e uníssona, mas através de contradições, confrontos, enfrentamentos sociais e simbólicos.” (MOTTA, 2013, p.27).

Ao discutir os quadrinhos como um sistema no qual há “uma combinação original de uma (ou duas, junto com a escrita) matéria(s) da expressão e de um conjunto de códigos” (GROESTEEN, 2015, p.14), Thierry Groesteen defende que as histórias em quadrinhos devam



ser vistas pela narratologia¹ como, também, formas narrativas, baseadas em imagens. Desse modo, a imagem vista como narrativa traz uma maior polissemia (LADEIRA MOTA, 2012), podendo-se trabalhar complementarmente ao textual. Segundo Will Eisner, as histórias em quadrinhos, portanto, apresentam uma sobreposição de palavra e imagem que solicita do leitor habilidades interpretativas visuais e verbais, sendo um “ato de percepção estética e de esforço intelectual” (2010, p.2).

As narrativas, portanto, sejam elas fáticas ou fictícias, partem das nossas próprias experiências de vida e condutas humanas. Nesse viés, “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (LEAL, 2013, p.28). Há uma transcendência da compreensão sobre a narrativa como apenas uma modalidade textual ou uma técnica de contar histórias e assume-se a concepção em ser “um gesto criador de realidades, de mundos, de entendimentos” (idem, p.35). Assim, tanto o jornalismo quanto os quadrinhos são apenas uma das possibilidades de criar sentidos narrativamente.

Além de Sacco, outras histórias em quadrinhos também trazem a temática sobre israelenses ou palestinos, como Crônicas de Jerusalém, de Guy Deslile. Sua presença na região acontece por causa da profissão da esposa – administradora da organização Médicos sem Fronteiras – e, com isso, a família vai morar em Jerusalém durante um ano, período no qual Deslile baseia sua história e narra seu dia a dia. Harvey Pekar também já tratou do conflito em seu *Not the Israel my parents promised me*, no qual explora como é ser filho de judeus sionistas e as mudanças do seu próprio ponto de vista acerca de Israel. E, recentemente, a palestina-americana Leila Abdelrazaq, filha de refugiado do campo de Baddawi (homônimo do título da produção), no Líbano, lançou quadrinhos sobre vivências do pai² e sua condição diaspórica proporcionada pelos conflitos.

VIAGENS AOS TERRITÓRIOS OCUPADOS

O interesse do jornalista e quadrinista Joe Sacco por situações de guerra volta-se para

¹ [Cf. MOTTA (2013), narratologia é a “teoria da narrativa e os métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas.” (2013, p.75, grifos no original), tendo suas origens na Grécia Antiga, em especial com *A poética*, de Aristóteles.

² Para algumas outras obras em quadrinhos com esta temática, ver: <http://blog.palestine-studies.org/2015/07/29/the-role-of-comics-in-palestinian-storytelling/> <Acesso em 10 março 2016>

o Oriente Médio em 1982, quando Israel bombardeia Beirute, no Líbano, atingindo os campos de refugiados palestinos de Chatila e Sabra. Este é momento no qual o autor começa a perguntar-se sobre a qualidade da cobertura da guerra pela mídia norte-americana e o que o incitou a querer saber mais sobre o conflito entre israelenses e palestinos. Para tanto, primeiro entra em contato com obras como *The fateful triangle*, de Noam Chomsky, além de *A questão Palestina* e *Orientalismo*, de Edward Said, fortes influências em seu trabalho. Apoiado pela editora independente norte-americana de quadrinhos, Fantagraphics, Sacco começa a produzir a revista *Yahoo*, na qual desenvolve produções mesclando autobiografia (principalmente), e primeiros passos de jornalismo e realismo documentário. É nesta revista (a maioria das histórias foram compiladas em *Derrotista*, 2006) que a atração pelo conflito entre palestinos e israelenses fica mais evidente, como pode ser observado nas histórias *Palestinos e outros problemas* e *Ódio é amor*.

O autor decide, então, viajar para Gaza e Cisjordânia no inverno de 1991 e 1992, período da Primeira Intifada³, para entender como é a vida dos palestinos nos territórios ocupados. A viagem rende a série – entre 1993 e 1995 –, em nove edições, *Palestina – Uma nação ocupada*. Ao ser publicada sua compilação em livro, em 1996, recebe o *American Book Award*. Esta é a primeira vez que o termo *comics journalism* é utilizado para definir o seu trabalho. A outra produção com a temática da Palestina deu-se em novas viagens, entre 2000 e 2003, novamente aos territórios ocupados – no contexto da Segunda Intifada⁴. O resultado foi o livro *Notas sobre Gaza* (2010), vencedor do *Eisner Award* (importante prêmio para os quadrinhos) e do *Ridenhour Prize*. A narrativa que engloba jornalismo e quadrinhos de Sacco encontra-se no contexto de evolução dos quadrinhos de não-ficção. Embora seja importante lembrar que existam diferentes experimentações do jornalismo em quadrinhos, a obra deste autor ainda é o principal exemplo da sua possibilidade de produção. Atualmente, existe até curso específico

³ *Intifada*, em árabe, significa “insurreição, revolta.” Foram movimentos espontâneos de moradores dos territórios ocupados, sem lideranças definidas, contra a situação da ocupação israelense. Cf. SAID (2012, p. XLIV, grifos no original): “[...] Todo palestino se orgulha do fato de que, ao fim de duas décadas [após a Guerra dos Seis Dias] de esforço difícil e laborioso, tenha surgido uma insurreição nacional tão notável contra a injustiça nos territórios ocupados. A intifada produziu um mapa da vida política e social da palestina que é permanente [...] logo se tornou um modelo para movimentos de protesto democrático.”

⁴ Eclodida quando o então líder do partido de extrema direita israelense (Likud) e depois primeiro-ministro de Israel, Ariel Sharon (1928-2014), cercado de seguranças, visitou a mesquita Al-Aqsa, na parte árabe de Jerusalém – a região tem importância para cristãos, muçulmanos e judeus. A visitação foi vista, pelos palestinos, como provocativa, em meio a turbulências resultantes do descontentamento do acordo de Camp David de 2000.



para pensar a linguagem do jornalismo em quadrinhos, oferecido pelo *Melton Prior Institute – for reportage drawing & printing culture*⁵, por exemplo.

QUADRINHOS DE NÃO-FICÇÃO

Após o movimento de contracultura e *underground* da década de 1960 e desde meados da década de 1970, as obras de não-ficção quadrinísticas vem ganhando força. Antes da mudança de rumo para obras cada vez mais autobiográficas, podemos citar *Binky Brown*, de Justin Green, como ponto de partida da tendência, já em 1972, ao aproveitar a veia aberta pelo *underground*. É com Harvey Pekar e sua revista autobiográfica *American Splendor* – Joe Sacco chegou a contribuir com a publicação –, entretanto, que se fortalece a representação de experiências banais do cotidiano, com a transformação delas em histórias interessantes. Inclusive, tal estilo influenciou diversas produções, até no pós-*underground*.

Não podemos deixar de falar que o estilo de desenho de Sacco – já no início da sua carreira, com histórias mais autobiográficas – bebe da escola quadrinística do comix⁶, em especial da arte de Robert Crumb (que também colaborou com Pekar). O *underground* proporcionava mudança narrativa e de forma nos quadrinhos, trazendo histórias com abordagens mais realistas e experimentais dos enredos, fortemente impregnados de crítica social e representação do dia a dia, privilegiando-se o preto e branco e utilizando-se um estilo pictográfico bigfoot (pé-grande), mais caricatural⁷. Para Dutra (2002), o *underground* ajudou na inversão de valores, apresentando histórias sujas, cruéis e realistas, além de trazer reflexos até no conservador mercado de super-heróis, como o Arqueiro Verde nas mãos de Denny O’Neil (roteiro) e Neal Adams (desenhos).

Este momento do mercado quadrinístico também demonstra a internacionalização dos quadrinhos. Um excelente exemplo disso é o aparecimento, no Japão, de *Gen – pés descalços*

⁵ Informações disponíveis em <http://www.meltonpriorinstitut.org/> <Acesso 05 novembro 2015>

⁶ Corruptela, fruto do *underground*, em contraposição ao termo comics, isto é, os quadrinhos comerciais norte-americanos.

⁷ É interessante perceber o amadurecimento do estilo narrativo de Sacco dentro dos procedimentos do formato jornalismo em quadrinhos, a cada produção. Com isso, seus desenhos também mudam, ao longo do tempo, do cartunesco para um estilo mais realista, apenas não alterando a sua própria representação de narrador-personagem. Entrevista disponível em <http://www.motherjones.com/media/2005/07/joe-sacco-interview-art-war> <Acesso em 04 agosto 2015>

(pronuncia-se guen), de Keiji Nakazawa. Ele é considerado um dos primeiros *mangás* traduzidos no Ocidente, por volta de 1978, já tendo ganhado versões de animações e até ópera. O enredo baseia-se em um relato autobiográfico que retrata a vivência do autor na explosão da bomba atômica de Hiroshima, quando tinha apenas sete anos. A obra mostra a capacidade da linguagem quadrinística para explorar questões políticas e sociais complexas.

Na tentativa de mudar cada vez mais a opinião pública acerca dos quadrinhos, Will Eisner utiliza a expressão *graphic novel*, de forma a buscar dar respeitabilidade ao meio ao trazer histórias de cunho social e assuntos “sérios”, com sua obra *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*, em 1978. Embora ligue-se a Eisner em muitos estudos, a expressão já havia sido utilizada pelo crítico de quadrinhos norte-americano Richard Kyle, em 1964, e também por Henry Steele na revista *Fantasy illustrated*, de 1966. Segundo Waldomiro Vergueiro (2011) explica, outras obras no formato apareceram antes, entre elas, *Jungle book*, de Harvey Kurtzman, e *Beyond time and again*, de George Metzger.

Ainda assim, com toda a mudança de postura frente à “nova” nomenclatura, o próprio Sacco, em entrevista⁸, aponta que prefere o termo *comics* a *graphic novel*, pois não considera seu trabalho como romance ou novela (tradução livre do termo *novel*) e sim jornalismo. Seguindo o desenvolvimento dessa seara no mercado de não-ficção, aparece *Maus*, de Art Spiegelman. Publicado primeiramente em fascículos na revista *Raw*, ainda hoje é o único quadrinho ganhador do prêmio *Pulitzer* – embora em categoria especial. A história narra experiência do seu pai, Vladek, sobrevivente do holocausto judeu, por meio de desenhos antropomórficos. Seu estilo documental e a forma de introduzir-se como personagem no enredo podem ser considerados como uma das influências do jornalismo em quadrinhos de Sacco.

A QUESTÃO PALESTINA

Não é nosso intuito, neste momento, discorrer sobre todas as especificidades de construção da identidade palestina, mas entender o contexto básico da possibilidade de narrativa histórica deste povo. Historicamente, a região da Palestina foi mantida sob unidade durante todo o Império Otomano, por centenas de anos, até início do século XX. Embora a estrutura política mantivesse um regime que englobasse diferentes espaços, etnias e religiões,

⁸ Disponível em <https://www.theguardian.com/books/2003/oct/23/comics.politics> <Acesso em 13 março 2016>



a lealdade das populações locais dava-se em um senso dinástico. Assim, árabes, turcos, gregos e outros eram reinados por uma dinastia predominantemente islâmica. Contudo, com a influência de ideias como patriotismo, nação e soberania, cresceu a tentativa de formação de uma “nação Otomana” (MUSLIH, 1988), logo desacreditada por causa das incongruências internas, o aumento dos ideais de independência e autodeterminação.

Houve, então, o crescimento do nacionalismo turco, nacionalismo árabe e do pan-arabismo, seguidos da adoção de políticas sionistas de migração e compra de terras palestinas. Frente a todo esse contexto e, logo após a I Guerra Mundial, com o Mandato Britânico na Palestina, o desmantelamento do Império Otomano e apoio inglês ao sionismo⁹, eclodiram as primeiras revoltas de cunho nacionalista palestino, por meio de greves, boicotes e, em especial, a *Al-Thawara al-Kubra* (A Grande Revolta), entre 1936 e 1939¹⁰.

Os embates e derrotas palestinas continuariam, em especial, com um momento de grande trauma para essa população no ano de 1948, quando acontece a *Nakba* (a grande catástrofe para os palestinos). Ou seja, a guerra de criação do Estado de Israel – quando, pelo menos, 700.000 palestinos foram expulsos por forças sionistas. Tal fator impõe o aumento da dispersão das lideranças nacionais e o início da diáspora palestina pós-1948. Atualmente, de acordo com o *Palestinian Bureau of Statistics*, a composição demográfica palestina – dados de 2010 – se dá da seguinte forma: dentre os 10.972.158 palestinos do mundo, 37,5% residia na Palestina Histórica, 12,4% em Israel, 44,4% em países árabes e 5,7% em outras localidades.

Assim, a Palestina vive uma condição singular, com aspectos contraditórios em ser “simultaneamente uma nação vindo a ser e uma nação sendo perdida no exílio”¹¹ (TAWIL, 2012, p.147). Isso porque, por exemplo, refugiados ainda não conquistaram seu direito de retorno à terra natal, tampouco a autodeterminação da nação em um Estado, propriamente dito. E tal característica traz indagações como as de Said: “Quando nós nos tornamos ‘um

⁹ O sionismo, grosso modo, é uma forma organizacional e expressão política surgida no final do século XIX, com viés nacionalista, que propõe a autodeterminação do povo judeu e existência de um Estado nacional judaico. É importante relativizarmos, aqui, que o discurso sionista não é totalizante por dentro da pluralidade do que é ser judeu e/ou israelense. Sobre este aspecto, ver: SCHIOCCHE, 2015.

¹⁰ Cf. NETO (2010, p.137): “Em 1936, com a deflagração da grande revolta, o governo britânico elaborou uma comissão para estudar a ‘Questão da Palestina’ e propor soluções, conhecida como Comissão Peel.” A principal proposta, contudo, da partilha da Palestina em dois Estados até hoje não saiu do papel.

¹¹ Tradução livre: “[...] Palestine is simultaneously a nation coming into being and a nation being lost to exile [...]”

povo'? Quando nós paramos de ser um? Ou nós estamos no processo de sermos um?¹²" (1999, p.34).

Ser ou não palestino é, portanto, algo construído, transformado, negociado no dia a dia e historicamente, em contextos marcados por relações de poder. Segundo o antropólogo Leonardo Schiocchet, isso não quer dizer que palestinos de "todo o mundo possuam as mesmas concepções de mundo, ou ajam sobre este segundo as mesmas estratégias e objetivos." (2015, p.09). No entanto, é possível afirmar que existem palestinos, no plural, e um sentimento de palestinidade, evocando diferentes significados, valores e estratégias, a despeito de reiteradas tentativas de apagamento da narrativa desta população como uma comunidade política ou de possuidora de uma cultura própria.

Para se ter uma ideia, a conhecida frase, em 1969, da ex-primeira-ministra israelense, Golda Meir, afirmava que o "povo palestino não existe." Tal declaração de negação já fazia parte da política sionista em justificar o viés colonialista de ocupação dos territórios. Dessa forma, ao longo das últimas décadas, muitas fontes que ajudariam a escrever a história moderna da Palestina foram perdidas, destruídas ou incorporadas aos arquivos israelenses, enquanto tentativas de fundar arquivos, instituições e universidades palestinas de longo prazo foram negadas, dificultando a construção de modelos educacionais e narrativas sobre si mesmos, sobre sua própria história, que geralmente é contada por outros povos.

Segundo Rashid Khalid (1997), a falta de um sistema educacional unificado trouxe aos palestinos uma dificuldade em uniformizar interesses como povo e influenciar a autopercepção de uma identidade palestina com maior eficiência e rapidez, em especial ao constante questionamento desse fator por outras nações, que os enxergavam apenas como árabes. Mas, afinal, como diz Edward Said, "somos árabes e, no entanto, não somos simplesmente árabes. Somos exilados e, no entanto, somos hóspedes tolerados em certos países de nosso exílio." (2012, p.141).

Tais questões podem ser verificadas se compararmos o modelo de educação em outros países árabes que, com experiências mais coesas de ensino, conseguiram conquistar independência e autodeterminação. Quando diretamente ocupados por Israel em 1967 (Guerra dos Seis Dias) e 1991 (quando ainda a acontecia a Primeira Intifada), os palestinos eram

¹² Tradução livre: "When did we become 'a people'? When did we stop being one? Or are we in the process of becoming one?"



proibidos em expressar qualquer viés “nacionalista”; tais como desenhar a bandeira palestina, expressar-se por meio de *graffiti*, produzir produtos midiáticos locais, entre outras situações (TAWIL, 2012). Assim, uma das maneiras de preservar a própria identidade e cultura, de forma a proporcionar às gerações mais jovens em exílio o senso de pertencimento, dá-se pelas memórias coletivas e história oral (EL-NIMR, 1997), trazidas pelas narrativas próprias, baseadas em experiências de vida.

Costumes, heranças culturais, conquistas ou derrotas, fazem parte da memória de uma nação e podem fortalecer a percepção de um esforço comum de identidade. Para tanto, Said pede “permissão para narrar”; pois “fatos não falam tudo por si só, mas requerem uma narrativa aceitável socialmente para absorver, sustentar e circulá-los”¹³ (1984, p.34).

CONDIÇÃO DE REFUGIADOS

Para este artigo analisaremos trecho do capítulo 06 da edição especial de *Palestina* (2011). O ambiente lamacento apresentado – por causa das chuvas de inverno na região – é o campo de Jabalia, em Gaza, um dos locais mais altamente povoados do mundo. A estética de Sacco é densa, com características de fotojornalismo (entre seus procedimentos de apuração, ele costumava tirar fotos para referência visual posterior e fazer perguntas visuais aos entrevistados, isto é, pedia que descrevessem determinados contextos e locais).

Acostumado a levar sempre um caderno consigo, no qual anotava suas impressões, os acontecimentos vivenciados e conversas que entendia ser interessantes, a estética das legendas irregulares flutuantes dão a sensação de fotos e bilhetes dispostos como em um diário de viagem. O estilo ajuda a diminuir o ritmo de leitura do olho, de forma que, com os muitos detalhes das imagens, nos ambientemos no espaço da narração, ao contrário do ritmo frenético de consumo rápido de informação aos quais temos em outros meios de informação.

Tal característica faz com que o próprio autor chame seu trabalho de *slow journalism* (CHUTE, 2016), isto é, jornalismo lento. Isso pode ser percebido, inclusive, no ritmo de produção do seu jornalismo em quadrinhos, pois Palestina levou dois meses de pesquisa e três anos para ser desenhada, enquanto Notas sobre Gaza levou sete anos para ser publicado – quatro deles desenhando.

¹³ Tradução livre: “Facts do not all speak for themselves, but require a socially acceptable narrative to absorb, sustain and circulate them.”

Este recurso de parar o tempo da narrativa para enfatizar os detalhes do desenho e localidade é realizado de forma habilidosa na dupla página, em panorâmica¹⁴, do campo de refugiados. A imagem indica como seria o dia a dia da comunidade de Jabalia. Observa-se, por exemplo, as vestimentas locais, transportes, casas, ruas bloqueadas, roupas estendidas e até paredes pichadas.

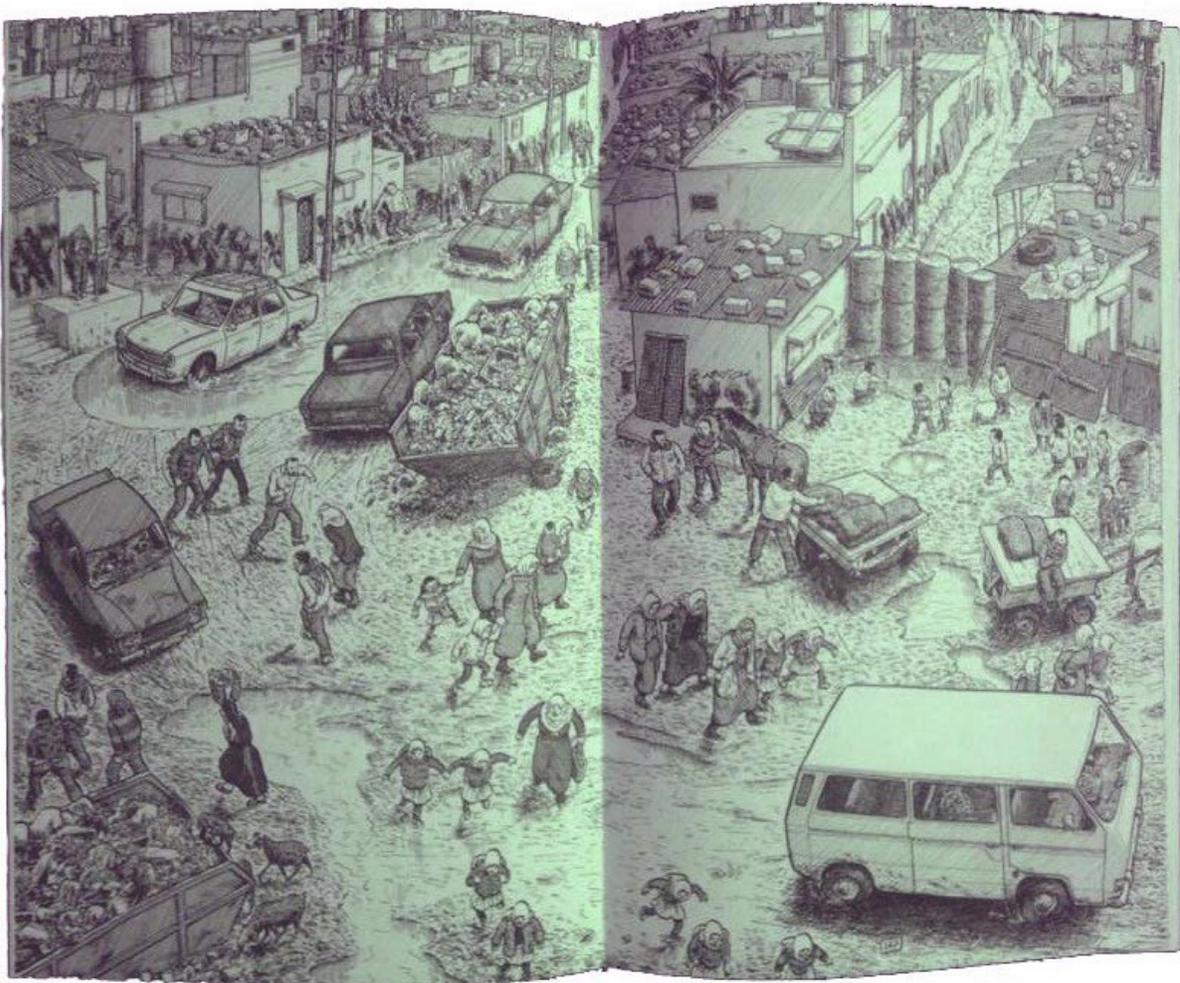


Figura 1 - Fonte: SACCO, J. Palestina – edição especial. São Paulo: Conrad, 2011, p.146-147

Com o apoio da UNRWA – agência da ONU de assistência aos refugiados palestinos – , a van na qual Sacco se encontra direciona nosso caminho de leitura para o canto direito da

¹⁴ Em seu trabalho *Documentary Graphic Novels and Social Realism* (2003), Jeffrey Adams aponta que uma das características de Sacco está em representar a topografia do lugar no qual se encontra, de forma a ambientar o leitor. No caso da imagem do campo de Jabalia, ele vê similaridades da dupla página com a obra de Pieter Bruegel, *The Kermess of Hoboken*.



segunda página e, nos conduz por todo o território, rumo a uma escola de reabilitação de crianças surdas, na qual o narrador-personagem diz, em tom jocoso, que “[...] a professora vai chamar o aluno mais brilhante...ele é surdo como uma porta mas sabe ler lábios...ele vai escrever na lousa também...olha! Viva! Estamos progredindo!” (SACCO, 2011, p.149). Embora desdenhe como se deu seu *tour* à escola, a questão da educação palestina é uma maneira de preservar a identidade (CLEMESH, 2006), como observaremos na análise da passagem *Filhos do toque de recolher*. Além do repórter-quadrinista, os personagens do trecho são Ammar, seu irmão Ibrahim e seus dois filhos.

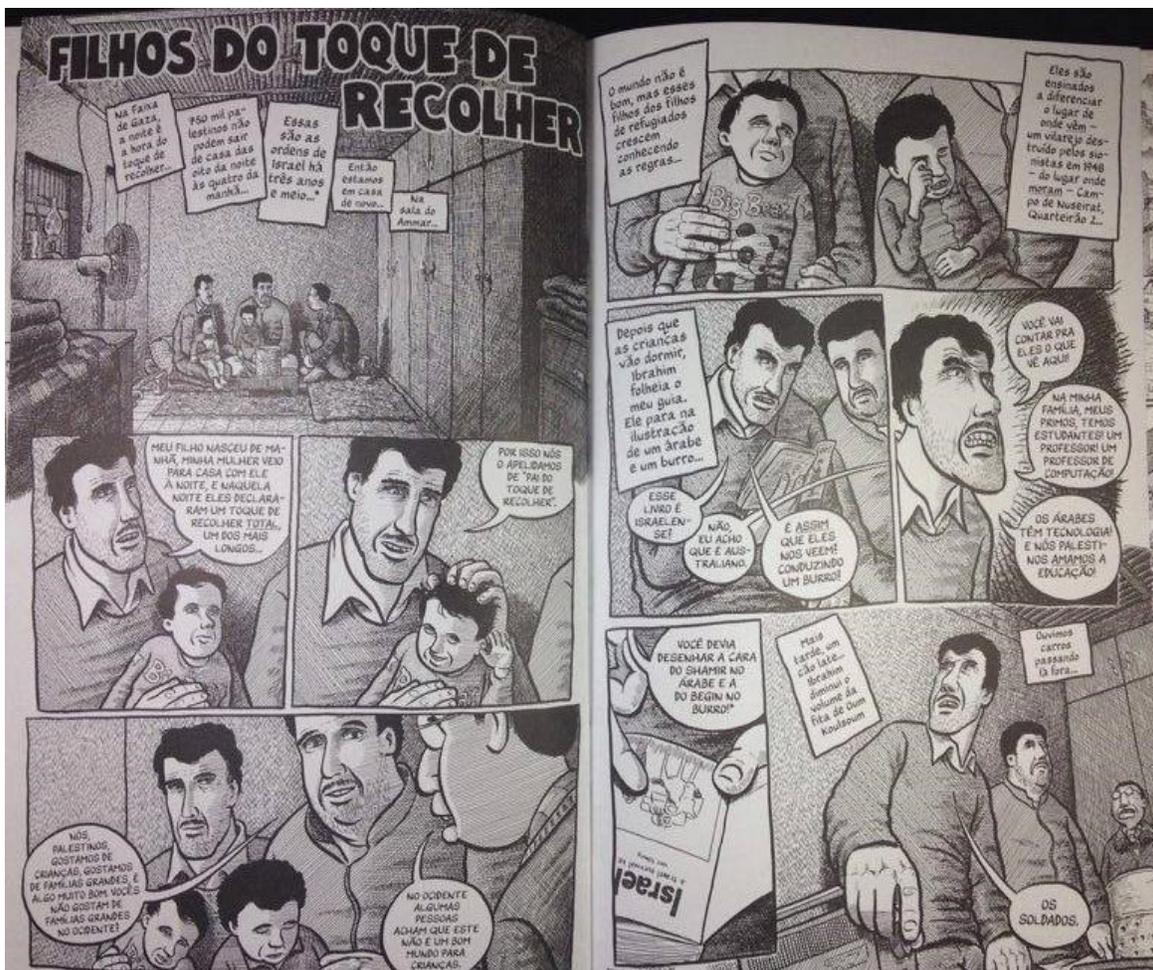


Figura 2 - *Filhos do toque de recolher*. Fonte: SACCO, J. Palestina – edição especial. São Paulo: Conrad, 2011, p.145.

A passagem é iniciada com o título na parte superior da página, levando nossa atenção para o começo do desenho, nos conduzindo a partir do teto do ambiente. O discurso direto do narrador-personagem é feito por meio de legendas e localiza o espaço (“Na Faixa de Gaza”) e

o tempo (“a noite é hora do toque de recolher”) em que se encontra. Por estarem vivenciando a Primeira Intifada, os personagens convivem com patrulhas israelenses mais constantes, a fim de evitar a circulação de palestinos em prol da segurança nacional israelense. As legendas com a voz de Sacco terminam “na sala do Ammar” e o caminho de leitura é aberto, com enquadramento de *plano geral*, para a imagem sangrada, em metade da página, no intuito de estabelecer o senso de lugar (McCLOUD, 2005). Podemos perceber ser um local pequeno, com armários e sem cadeiras, no qual os visitantes sentam-se sobre tapetes para conversar (costume no Oriente). A decoração é simples, há apenas um ventilador.

No requadro (moldura dos quadrinhos) seguinte, Ibrahim relata, por meio de um balão-fala que seu filho nasceu na manhã antes de um “toque de recolher total” – a ênfase gráfica na palavra, escolha estética de Sacco, reforça ter sido esse um dos toques mais longos que os personagens dizem ter vivenciado. Logo na sequência, percebemos que Ibrahim está se referindo ao menino no seu colo – cujo apelido ficou como “pai do toque de recolher”. O último quadro da página, na horizontal, abre com um enquadramento *plano médio* (acima da cintura) para englobar, também, Ammar.

O apêndice aponta para Ammar, que assume sua identidade palestina a partir de uma das características do seu povo, e interpela Joe Sacco sobre o assunto, ao se autoidentificar palestino: “Nós, palestinos, gostamos de crianças, gostamos de famílias grandes, é algo muito bom. Vocês não gostam de famílias grandes?” (p. 166, grifos nossos).

Levando-se em conta que *Palestina* foi produzida na década de 1990, a declaração de Ammar ainda tem respaldo. Segundo matéria da BBC de 2014, a taxa média de filhos por família em Gaza é de 5,5, bastante elevada, mesmo se comparada com países da região. De acordo com pesquisa da Universidade de Roma, intitulado *Intifada, fertilidade e a educação das mulheres palestinas*, algumas das hipóteses explicativas destes índices, junto às mulheres (que apresentam bons índices educacionais), são: medo de perder os filhos em algum confronto com os israelenses e, “embora os dados não permitam concluir isso com certeza absoluta, é possível que as pessoas queiram ter mais filhos para superar os israelenses em números populacionais”, diz Jon Pedersen¹⁵, pesquisador do

¹⁵ Matéria disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140808_gaza_jovem_mes_kb. <acesso 07 março 2016>. Sobre a preocupação israelense acerca deste número de nascimentos, ver: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2013/01/01/why-demographics-are-still-a-concern-for-some-israeli-jews/> <Acesso 01 março 2016>.



do Instituto de Estudos Demográficos da Noruega. Desse modo, pode-se inferir que famílias numerosas também são uma característica de resistência cultural à ocupação israelense.

Segundo Rashid Khalid (1997), a família é um elemento na sociedade palestina que representa uma unidade social, sendo comum a busca de manutenção dos sobrenomes – que geralmente fazem alusões às cidades e vilarejos locais – como foco de lealdade e identificação com suas origens. Novamente o narrador-personagem fala com o leitor e recorre ao uso das legendas para a narração. As impressões e observações de Sacco apontam, então, para a identificação dos palestinos na condição de refugiados e a consciência de pertencimento ao seu verdadeiro local de origem, desde pequenos.

O mundo não é bom, mas esses filhos dos filhos de refugiados crescem conhecendo as regras...Eles são ensinados a diferenciar o lugar de onde vêm – um vilarejo destruído pelos sionistas em 1948 – do lugar onde moram – campo de Nuseirat, Quarteirão 2 (SACCO, 2011, p.167, grifos no original)

Como pode-se ver, as pessoas são frequentemente identificadas com o local de nascimento de seus pais, ainda que nunca tenham morado na região – mesmo por gerações. Após as crianças irem dormir, Ibrahim folheia um livro australiano que Sacco carrega consigo e choca-se ao se deparar com a representação de um árabe conduzindo um burro.

O desenho das linhas onduladas saindo da sua fisionomia transtornada indica exaltação e, ao se direcionar a Sacco, esbraveja: “Você vai contar para eles o que vê aqui! Na minha família, meus primos, temos estudantes! Um professor! Um professor de computação! Os árabes têm tecnologia! E nós palestinos amamos a educação!” (p.167, grifos originais). O grifo enfático na palavra “amamos” demonstra, novamente, a educação como valor cultural para os palestinos, uma característica de identidade. Segundo Arlene Clemesha, apesar das dificuldades do sistema educacional palestino, que carece de autonomia e já foi alvo de represálias e censuras,

O povo palestino apresenta um dos maiores níveis de escolaridade e a menor taxa de analfabetismo do Mundo Árabe e atribui, tradicionalmente, grande ênfase à educação como chave para um futuro melhor. A histórica valorização palestina da educação formal se depreende da sua condição de refugiados. É sua dispersão – *shatát*, em árabe –, desde 1948, que explica por que adquirir uma boa educação se tornou um bem tão valorizado: ele é móvel, não depende da posse de terras, da propriedade, da casa, e constitui o meio mais importante para a manutenção do *status* social, contribuindo finalmente para a preservação do tecido social e da integridade humana. (2006, p.34)

Tal concepção educacional nos campos de refugiados é complementada por Rosemary Sayegh, pois, de acordo com a pesquisadora, “nos campos, o nível educacional e *status* de trabalho começam a ganhar mais peso do que possuir terras em termos de prestígio e influência”¹⁶ (2011, p.03). O trecho termina em outro requadro sangrado, com enquadramento de baixo para cima, de forma a demonstrar a preocupação de Ibrahim e as caras sérias de Ammar e Sacco, ao escutarem o som da chegada de uma patrulha israelense na região. A tensão que tomou conta de Ibrahim dois quadros anteriores é mantida, mas de forma amenizada, de maneira que ele diminui o som ambiente, vindo do radinho no chão da sala.

A presença dos soldados israelenses, que circulam livremente no campo de refugiados enquanto os palestinos não podem sair de casa, é apresentada por Sacco através de legendas – que narram o latido de um cachorro e sons de carros andando na rua. Embora não apareçam representados explicitamente neste trecho, os antagonistas da narrativa são identificados por Ibrahim apenas como “os soldados” – e seu balão-fala com esses dizeres fecha a passagem analisada. Como visto, portanto, a palestinação no campo de Jabalia traz uma importante concepção, fruto da experiência vivida, do que é ser um refugiado (ainda que em sua terra natal), em meio a toques de recolher. Também percebe-se a importância da educação e família como institutos de identidade e reafirmação de valores. Dessa forma, os significados produzidos pelas vivências palestinas dão um senso sobre a própria identidade, quem são, e o lugar que consideram fazer parte. Assim, as práticas sociais e experiências vividas, como traumas, expressões corporais, culinária, vestimentas, narrativas e memórias, entre outras, podem participar ativamente na construção da identidade e na marcação da diferença. Ainda que a passagem selecionada não apresente expressões de identidade mais contundentes como bandeiras, rituais, etc., buscamos, a partir do dia a dia dos territórios ocupados, em especial no campo de refugiados de Jabalia, por meio da narrativa sobre si mesmos, apreender algumas características que os palestinos vêem em sua própria cultura que os identifiquem como nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H. K. *Nation and narration*. London: Routledge, 1990.

¹⁶ Tradução livre: “in camps, educational level and work status began to weigh more heavily than land ownership in prestige and influence;”



CHUTE, H. L. *Disaster drawn – visual witness, comics, and documentary form*. London: Press of Havard University Press, 2016.

CLEMESHA, A. E. *Uma educação para preservar a identidade*. Biblioteca Entre Livros, São Paulo, p. 36 - 41, 01 mar. 2006.

DUTRA, A. A. Três camadas da relação entre quadrinhos e jornal. In: *INTERCOM – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom, 2002, Salvador.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. São Paulo: WMF Martins, 2010.

EL-NIMR, Sonia. Oral History and Palestinian Collective Memory. In: *Oral History*. Hertfordshire: Oral History Society, 1993.

GROESTEEN, T. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

KHALIDI, R. *Palestinian identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 1997.

LEAL, B. S. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, B.S; CARVALHO, C. A de (Org.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: MBooks, 2005.

LADEIRA MOTA, C. A narrativa semiótica da imagem. In: MOTA, C. L; MOTTA, L.G; CUNHA, M. J. (Orgs). *Narrativas midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012.

MOTTA, L.G. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MUSLIH, M.Y. *The origins of Palestinian Nationalism*. New York: Columbia University Press, 1988.

NETO, L. S. Construção e afirmação da identidade nacional palestina: da consciência de nação à luta pelo Estado. In *AEDOS – Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS*, 2010.

SACCO, J. *Palestina: edição especial*. São Paulo: Conrad, 2011.

_____. *Derrotista*. Sao Paulo: Conrad, 2006.

SAID, E. *A questão da Palestina*. São Paulo: UNESP, 2012.

_____. Permission to narrate. In: *Journal of Palestine Studies*, vol.13, n.2, pp.27-48, 1984.

_____. *After the last Sky – palestinian lives*. New York: Columbia University Press, 1999.

SAYEGH, R. *Palestinian Refugee Identity/ies: generation, class, region*. Birzeit: BirzeitUniversity, 2011. Disponível em: <http://ialiis.birzeit.edu/fmru/userfiles/WPS2011-55-Rosemary.pdf>. Acesso em 25/02/2016.

SCHIOCCHET, L. Introdução: por uma antropologia assimétrica da palestinação. In: SCHIOCCHET, L. (Org.) *Entre o Velho e o Novo Mundo – a Diáspora Palestina Desde o Oriente Médio à América Latina*. São Paulo: Chiado Editora, 2015.

TAWIL-SOURI, H. The necessary politics of Palestinian Cultural Studies. In: SABRY, T. (Ed.). *Arab Cultural Studies – mapping the Field*. London: I. B. Tauris, 2012.

VERGUEIRO, W. De marginais a integrados: o processo de legitimação intelectual dos quadrinhos. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011

Narrativas de uma nação: representações da
identidade palestina em Joe Sacco

Vinicius Pedreira Barbosa da Silva

Data de envio: 16 de março de 2016.

Data de aceite: 21 de junho de 2016.

